

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA  
SÁNCHEZ MORENO  
*Fundadora de A Obra da Igreja*

*A excelsitude excelsa  
do coeterno Ser*

*Em seu Sancta Sanctorum  
de Família Divina*

*Deus se é, em si mesmo e por si mesmo,  
a sua subsistência infinita,  
sendo-se-a e sida por si mesmo e para si  
num ato de ser imutável  
e infinitamente abarcado,  
em gozo coeterno e consubstancial  
de vida trinitária*

*Meu canto de eternidade  
em saudade amorosa  
pela possessão gloriosa do infinito Ser*



Editorial Tco de la Iglesia

31-8-1976

## **A EXCELCITUDE EXCELSA DO EXCELSO SER**

*Imprimatur:* Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin  
*Vigário Geral*  
Madrid, 29-9-2004

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:

«LA IGLESIA Y SU MISTERIO»  
«FRUTOS DE ORACIÓN»  
«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2004 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA  
1ª Edição espanhola: Setembro 2000

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149                      MADRID - 28006  
Via Vigna due Torri, 90            C/ Velázquez, 88  
Tel. 06.551.46.44                  Tel. 91.435.41.45

E-mail: [informa@laobradelaiglesia.org](mailto:informa@laobradelaiglesia.org)  
[www.laobradelaiglesia.org](http://www.laobradelaiglesia.org)

[www.clerus.org](http://www.clerus.org) *Santa Sé: Congregação para o Clero*  
*(Librería - Espiritualidad)*

ISBN: 978-84-86724-66-5  
Depósito legal: M. 48.255-2007

Deus mora nas altezas, na excelsitude excelsa do seu excelso Ser, no poder eterno da sua infinita subsistência, na imensidade imensa do resplendor de seus sóis, na profundidade penetrante da sua substancial sabedoria, no recôndito profundo do seu *Sancta Sanctorum*, na abismal ocultação da sua coeterna e infinita virgindade...

Deus *se é* «Aquele que *se é*»<sup>1</sup>, na companhia trinitária da sua Família gloriosa. E «ali», na alteza da sua excelsitude, está à distância infinita de tudo o que não é Ele, habitando no esplendor da sua glória, coberto e envolvido pelos fulgores da sua intocável santidade. «Ao Rei dos séculos, ao único Deus, imortal, invisível, o único que possui a imortalidade e que habita numa luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver. A Ele, honra e poder eterno. Amém»<sup>2</sup>.

Hoje o meu espírito, ultrapassado pelo conhecimento da excelsitude do Ser, quereria pro-

<sup>1</sup> Cf. Ex 3,14-15; Is 42,8.            <sup>2</sup> 1 Tm 1, 17; 6, 16.

romper em cânticos de inéditas melodias, explicando em soletração amorosa aquela Alteza transcendente de quem tudo é em sua infinitude de ser, de quem tudo pode, de quem tudo sabe, no tudo consubstancial da sua intercomunicação trinitária em gozo de sabedoria amorosa. Pois desde o dia 27 de agosto de 1976, no qual, durante a oração, senti-me envolvida e penetrada pela luz aguda daquele que É, aprofundando-me ainda mais no mistério do seu eterno *ser-se*, abriu-se em mim uma grande necessidade de proclamar, de algum modo, o que entendia do Excelso na alteza incomensurável do seu imenso poderio.

Esse dia, como outras muitas vezes, impelida por Deus, comecei a chamá-lo em necessidade clamorosa do seu encontro. Abrasava-me em sede torturante do Deus vivo; em sede de penetrar o mistério, adentrando-me no recôndito sapiencial do seu peito bendito. E assim, comecei a sentir que, pouco a pouco, ia ficando alheia a tudo daqui, num desprendimento que me tirava daqui para aprofundar-me «ali», na excelsitude excelsa do infinito Ser, em lonjura de tudo quanto não é Ele. Meu coração incendiou-se nas chamas do amor do Espírito Santo e, sob o seu impulso, expressava em voz alta algo do que entendia na transcendência transcendente da imensidade imensa da alteza daquele que É... «Glorificando-o, exaltai o Senhor

quanto puderdes, pois estará sempre mais acima. Para exaltá-lo redobrai as forças; e não vos canseis, pois não chegareis ao fim»<sup>3</sup>.

Era tão excelente o concerto harmonioso, que minha alma apercebia no *ser-se* do Ser, tão melódico, tão impetuoso, como miríadas e miríadas de citaristas em concertos de perfeição... As suas vibrações eram tão candentes e os teclares das suas notas tão divinos, que, arrulhada pela brisa daquela infinita Melodia, ao prorromper eu em palavras, o som da minha voz pareceu-me tão tosco, tão rude, tão desconcertante, tão estrondoso, tão desentoado, tanto, tanto...!, que, ao ouvi-lo, instintivamente rompi a chorar diante do seu contraste com a finura inesgotável do *ser-se* do Ser, que, em infinita harmonia, era apercebido pelo meu espírito em cadência sagrada. E ficava em silêncio para não me sentir ferida na minha alma, afinada pela proximidade daquela Suavidade infinita, no enrouquecimento do som da minha voz...

Cada uma das minhas palavras era como um rugido estrondoso na brisa arrulhadora de uma noite selada pelo silêncio dentro da espessura de um bosque, repleto de cadenciosa sonoridade.

E, na medida em que meu espírito era levado «ali», à alteza do Ser, este contraste ia-se fa-

---

<sup>3</sup> Eclo 43, 30.

zendo cada vez mais doloroso e perfurante; pelo que expressava em voz muito baixinha, para não ouvir o «rugido» do meu dizer, quanto, na magnitude da incomensurável excelência do infinito Ser, estava saboreando.

Cada palavra minha fazia-me chorar de gozo e de dor pelo contraste que vivia entre a Melodia infinita que apercebia da eterna Conversação e o retinir das minhas palavras detonantes e enrouquecidas.

O som da minha voz parecia-me tão brutal e desconcertante, que surgiu na minha mente uma comparação, mediante a qual, pude expressar de alguma maneira a finura que, na magnitude excelsa do infinito Ser, estava percebendo: senti-me tão detonante como o rebusnar de um asno num concerto sublime de melodiosas harmonias. Esse pobre asno manifestava do modo que podia, na nota desconcertante do seu rebusno, quanto estava contemplando. Senti-me jumentinho e gozei. E este sentimento fluía do meu coração, não porque eu tivesse sido humilhada, mas pela excelsitude excelsa da imensidade gloriosa do Deus vivo que, penetrando-me na sua verdade, fazia entender algo da alteza da sua realidade à minha mente ultrapassada.

Assim, afundada na suavidade infinita do Excelso Ser, gozava..., sofria..., amava..., respondia..., adorava...!; prorrompendo constante-

mente em soluços silenciosos do coração, ao ir-me adentrando, diante da verdade verdadeira de quanto contemplava, num desprendimento de tudo daqui. E, como pendurada entre o céu e a terra, sentia ímpetos constantes de correr, rompendo as cadeias deste cárcere, para lançar-me para a contemplação luminosa do Amador das minhas plenitudes, na luz do claro Dia e para sempre.

Eu não buscava nem morrer nem viver. Para mim tudo era igual. Só queria Deus no modo da sua vontade, com o estilo do seu querer. Ele era o centro de quanto ansiava, e compreendi que, no final, a sede do meu entendimento saciava-se na necessidade que, desde muito tempo, em meu espírito vinha-se abrindo de penetrar o Mistério. O Amor infinito, ao levar-me para Ele, saturava-me, porque eu intuía, no olhar da sua candente sabedoria, a verdade da excelsitude imensa do seu incomensurável poderio; ao mesmo tempo que, desde sua alteza, penetrava na pequenez diminuta de tudo quanto não era Ele. «Para Ele as nações não passam de uma gota que cai do balde, são reputadas como o pó depositado nos pratos da balança. As ilhas pesam tanto como um grão de areia... Todas as nações são como nada diante d'Ele, não passam de coisa vã e nada. A quem comparar Deus?»<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Is 40, 15-18.

Possuída por esta verdade, penetrei que a humanidade de Cristo, apesar da sua inesgotável grandeza, de ser mais rica, mais perfeita, mais sublime do que toda a criação junta, repleta de formosura e santidade, saturada de Divindade pela posse de sua Pessoa divina sobre ela, sendo seu Eu infinito e eterno; era criatura que, desde a sua pequenez, adorava a magnitude do Criador...! Compreendendo também que, entre a humanidade de Cristo e toda a criação, incluindo minha própria alma, existia só distância de criatura à criatura, apesar de que essa distância era quase infinita; enquanto que entre a humanidade de Cristo e a excelência da excelitude do Ser havia distância infinita por infinitude eterna de distâncias de ser e de perfeição...

Meu espírito adorava junto a Jesus, a criatura mais imensa da criação, na sua humanidade. Ao lado desta, eu era tão diminuta como uma palhinha junto à grandeza do Sol. Mas, entre este Sol repleto de perfeições, e a palhinha tão distinta e distante, contidos os dois no círculo limitado da criação, só existia distância de perfeição criada; enquanto que entre este Sol e o Sol Eterno, refulgente de infinitos resplendores de santidade na grandeza da sua magnitude, o qual é contemplado por toda criatura em postura adorante de rendição amorosa, havia distância infinita e eterna! «Quando todas as

coisas estiverem submetidas a Ele, então o próprio Filho se submeterá Àquele que lhe submeteu todas as coisas, para que Deus seja tudo em todos»<sup>5</sup>.

Seguidamente contemplei Maria, a qual, uns dias atrás, vira totalmente possuída por Deus, mais formosa do que a lua, mais cintilante do que a luz do meio-dia no resplendor da sua claridade. E, com a humanidade de Cristo, penetrei-a prostrada diante da magnitude infinita do Criador, adorado pelas criaturas!

E cheia de luz, de gozo e de surpreendente estremecimento, eu repetia e repetia... uma e outra vez: Entre a humanidade de Cristo e o meu ser há distância criada de perfeição; mas, entre a humanidade de Cristo, que é a criatura maior de toda a criação, tendo em si contidas misteriosamente todas as riquezas da mesma criação, e o Ser coeterno, há distância infinita em infinitude de distâncias infinitas de ser, pela incomensurável alteza da magnitude do Incriado...!

E, ó surpresa...! Depois de entender toda esta verdade, comecei a aprofundar, de uma maneira nova e agudíssima, como não era possível a nenhuma criatura aproximar-se à excelência do Ser pela sublimidade da sua grandeza.

---

<sup>5</sup> 1 Cor 15, 28.

Deus é o Intangível, ao qual ninguém, por si, é capaz de chegar, se não é introduzido pela mesma mão poderosa do Onipotente.

E cheia de pavor, numa nova surpresa, entendi, como no ano de 1959, o que era opor-se à vontade de Deus: a monstruosidade monstruosa do pecado, que, pela santidade transcendente daquele que *se É*, não podia ser reparado por nenhuma criatura.

Como apareceu então, diante do meu olhar espiritual a magnitude indizível da grandeza de Cristo...! Tanto, que desde a pequenez do seu ser de homem, pela união da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, fora levantado até a excelsitude do Ser de modo tão transcendentalmente inimaginável, que, sendo criatura, era o Filho de Deus sentado à direita do Pai no abraço coeterno do Espírito Santo.

Vi Cristo tão grande que, na minha surpresa, quase nem a olhá-lo me atrevia; já que na grandeza da sua realidade era capaz, pelo compêndio do mistério da Encarnação, de dar glória a Deus na excelsitude excelsa do seu excelso ser, como a santidade incomensurável daquele que *se É* se merece. E, anonadada, repetia cheia de amor e agradecimento: «Mas, se Deus só se merece a si mesmo...!» E esse «a si mesmo» que Ele se merece, era o Cristo que, em sacerdócio pleno, pela união hipostática, era tão Deus como homem, tão criatura como

Criador, tão Adorador como Adorado, tão Divino como humano...

Diante de toda esta luz que ia penetrando as cavernas do meu espírito, chorando em silêncio, acesa em amor do Coeterno, transcendida por quanto contemplava e excedida pelo Infinito, adorava...!; falando baixinho para não profanar, com o ranger do meu «rugido», aquele concerto de perfeições que estava saboreando no silêncio sagrado da eterna Verdade. Que bem compreendi aquelas frases de Jesus a Pilatos: «Eu vim para dar testemunho da verdade...!»<sup>6</sup>. Pois penetrava que o que eu estava contemplando, desde a diminuta pequenez do meu quase não ser, era a verdade da excelsitude excelsa do infinito Ser diante da pequenez da criatura; e a grandeza inefável de Cristo, sendo capaz, como homem, de dar a Deus a glória que infinitamente se merece.

Quanto amei meu Cristo bendito, no qual eu, assim, apoiada no seu peito, descanso...! Que grande contemplei o Jesus do sacrário, abarcador de todos os tempos, contentor de todas as grandezas e todos os penares, Redentor e Reconciliador, *sendo-se* Glorificador e Glorificado por si mesmo, pelo milagre surpreendente de união que n'Ele, o Excelso, fizera entre a criatura e o Criador!

---

<sup>6</sup> Jo 18, 37.

No descobrimento de todas estas verdades estive praticamente toda a manhã em profundos e inéditos contrastes: Olhava para Deus na altura da sua imensidade, à distância infinita de tudo o que é criado; para Cristo como homem e como Deus; para Maria, perto d'Ele; e para a palhinha junto ao Sol e à Lua, sob o estrado dos seus pés que, com a sua enrouquecida voz chorosa, expressava, acesa na brisa do amor do Espírito Santo, o que no pensamento da eterna Sabedoria estava compreendendo.

Iluminada por esta mesma verdade, amei a Igreja, o Cristo Grande de todos os tempos; entendi-o na perpetuação do mistério do Amor infinito morrendo de amor como manifestação cruenta em expressão de sua grandeza e em manifestação cruenta também da maldade de nossa baixeza...

Era a Igreja santa de Deus, Cristo Grande, Cabeça e membros, quem seguia em ignominiosa perseguição, jogada no chão em Getsêmani, sendo açoitada, cuspada, coroada de espinhos, «verme, e não um homem», «não tinha mais figura humana», «riso dos homens e desprezo do povo...»<sup>7</sup>; Sacerdote Grande que, na plenitude do seu Sacerdócio, está entre Deus e os homens; sendo manifestação viva em verdade clara da luz do Sol, nublada na crucifica-

---

<sup>7</sup> Sl 21, 7; Is 52, 14.

ção de Cristo, ao estremecer a terra, pelo sacrilégio do homem, que se atreveu, em sua desconcertante malícia, a tentar destruir Deus matando-o.

Que formosa compreendi a Igreja, meu Cristo Grande, na imensa abrangência da sua universalidade...!

Eram tantas as luzes num só dia, tantas...!, que me sentia como arrebatado a alma do corpo. A qual, em lançamento amoroso, adorava Deus com Cristo, amava Cristo como Sumo e Eterno Sacerdote, capaz por si de pegar o homem e levantá-lo à excelsitude excelsa do infinito Criador, e capaz de abaixar Deus até a pobreza da criatura. «Isto é bom e gradável a Deus, nosso salvador; Ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, que se entregou em resgate por todos»<sup>8</sup>.

Amei minha Igreja santa, e experimentei-me novamente beijada, querida e embalada pelo mar imenso do infinito Ser. Umás vezes com a brisa da sua carícia e outras com o fragor das suas ondas, me levava e trazia com voz impetuosa de inédita conversação, arrulhada por sua infinita vontade. Sentia-me tão feliz no oceano

---

<sup>8</sup> 1 Tm 2, 3-6.

do meu Amador eterno, que, sem medo diante do esplendor da sua glória, olhava-o, escutando ternas, doces e inéditas palavras de amor... Eu era a sua «palhinha», sem mais desejo que glorificá-lo, deixando-me levar e trazer pelo impulso saboroso do seu infinito querer...

Soube Deus em seu Sol; e, ao olhá-lo, contemplei a sua formosura que acendeu minhas ternuras por Ele. Olhei-o, Ele me olhou... e, em seu peito, amei-o levantada à altura do seu imenso poder.

E hoje pergunto, sem saber como foi: Até onde me elevaste...? Não sei...!

E intuo em minha profundidade, em palavras candentes de amor: «Não te olhes; Eu te levo até mim quando quero, e te volto a deixar, se me agrada, no solo... Não te olhes, olha-me; Eu tão só, na eterna excelência do meu excelso poder, sou o teu Tudo».

1-9-1976

## DEUS *SE É* MISTÉRIO ETERNO

O Excelso contemplei  
em sua infinitude excelsa;  
e tanto me anonadei,  
possuída em sua grandeza,  
que vivo ultrapassada  
em surpreendente surpresa...!

Ele é Aquele que *se É*,  
fora de quanto é baixeza,  
por *ser-se*, em seu poder,  
a capacidade imensa  
que tudo pode ser  
em divinal complacência.

E ali, afundada em seu ser,  
contemplando sua excelência,  
senti-me tão pequenina,  
que já nem «palhinha» era  
diante daquela Imensidade  
de tanta altura em sua alteza,  
que nem olhá-lo queria  
por minha pequena pobreza...

Ele é o Ser em seu ser  
de tão sapiencial sapiência,  
que dentro de si prorrompe



em Sabedoria eterna,  
em Palavra tão divina,  
que é Deus mesmo quem se expressa  
em silenciosos concertos  
de melodias inéditas.

Sua voz é toda harmonia  
em vibrações tão belas,  
que quem intui o «som»  
da Palavra coeterna  
sabe –de saborear sabendo–  
seu concerto em tal beleza,  
que tudo o que não é Ele  
são coisas toscas e terrenas...

Se eu pudesse expressar,  
em minha pequena maneira,  
a infinita realidade  
da Excelsitude excelsa...!

Se deixasse transluzir  
algo daquela Realeza,  
no «rugir» da minha voz  
para expressar minhas vivências...!

Deus *se é* Mistério eterno  
que, quando a meu ser se acerca,  
eu em sua maneira o olho,  
e «ali» entendo o que encerra  
a excelsitude do Excelso  
em coeterna excelência...,  
em vida, que é todo Ser  
de interminável potência!

*Do livro «Frutos de oración»  
«Frutos de oração»*

141. Como será a riqueza de Deus, que, apesar de ser o homem livre, quando o vê na sua glória, por perfeição avassaladora do Infinito, não pode mais que aderir-se a Ele, em olvido total de si; sendo esta mesma adesão a que o faz viver em participação perfeita e imutável do sumo Bem...! (9-1-65)

142. Deus, por plenitude riquíssima do seu ser e perfeição, ao ser visto claramente, roubará nossa vontade livre, a qual, subjugada, aderir-se-á a Ele gozosa e livremente num júbilo de amor beatífico. (9-1-65)

143. Busco..., busco minha eterna Melodia; e diante de toda a criação, por muito formosa que seja, rompo em um: não, isso não é o que busco na minha noite...! Quero Deus no concerto infinito das suas eternas perfeições! (8-6-70)

1.796. Busco a luz do Sol eterno, o calor das suas brasas, o fulgor dos seus fogos, as chamas chamejantes dos seus candentes vulcões; e busco, ao mesmo tempo, o frescor da sua brisa, o refrigério das suas fontes, a saciedade dos seus mananciais, o alimento dos seus frutos e o contato do seu amor. (6-3-73)

1.810. Eu sou feliz, porque encontrei a veia riquíssima dos eternos Mananciais donde bebo aos borbotões, saciando, na infinita sabedoria, minha sede torturante de Deus... Mas, tenho uma pena profunda, profunda!, que me perfura o espírito, pelas «vozes» do Amor infinito que me dizem: Mostra-me aos homens, canta a tua canção! (13-6-75)

1.818. Que grande é o mistério divino dentro do meu coração, que plenitude, que concerto de amor, que luminosidades de glória, que impregnação de sabedoria...! Ó, se o homem descobrisse, na caverna do Manancial aberto, a felicidade avassaladora que Deus lhe brinda...! (9-12-72)

1.815. Alma querida, qualquer que sejas, tu que buscas experiências saborosas no profundo do teu coração, não te afanes em encontrá-las onde não estão; lança-te ao manancial infinito do eterno Ser, e ali encontrarás, nas sapienciais correntes da felicidade eterna, isso que buscas sem saberes o que é. (9-12-72)

17-9-1972

## ADORA EM SILÊNCIO

Ó, se eu pudesse cantar o poema  
que encerro no meu seio...!  
Se manifestasse a profundidade profunda  
de Deus sem conceitos...!  
Se soletrasse, em notas de amores,  
meus fogos imensos...!

É brisa calada, são suavidades  
de céu em desterro,  
ímpetos profundos  
em arrulhos ternos  
como em melodias...  
Não sei o que tenho,  
não sei o que digo,  
nem como expô-lo!

Sinto Deus muito profundo  
dentro do meu peito  
em brisas de amores,  
em chamas de fogo,  
em palavras ternas  
qual imenso Beijo...

Sinto Deus em brisa,  
como num concerto

de suavidades  
em ternos silêncios...

Ai, se eu expusesse  
o que tenho dentro,  
o que sinto em brisa  
e o modo em que é isto...!

Cala, alma querida,  
oculta o mistério.  
Como hás de expor  
com pobres conceitos  
o Imenso em vida,  
dentro do teu peito...?  
Como expressarás  
seus amores ternos  
e o que tu sentes  
no mais interno  
diante do néctar doce  
do seu eterno Beijo?

Que ninguém saiba  
estes meus mistérios,  
as expressões com que eu prorrompo  
para decifrar os toques secretos  
na profundidade profunda do meu seio aberto!

Queria ser lira  
de eternos concertos,  
para responder  
em doces acentos

às melodias  
que sinto no meu seio.

Queria ser anjo,  
quereria ser céu...!

Mas, cala, alma minha,  
e adora em silêncio,  
que a adoração  
responde ao Imenso.

19-7-2000

**O SANCTA SANCTORUM  
DA  
FAMÍLIA DIVINA**

Ó Resplendor infinito e eterno de subsistente sabedoria e de virgindade transcendente, oculto e envolvido na profundidade profunda e sagrada da tua infinita santidade!

Eu necessito, aprofundada e ultrapassada, desde a pobreza do meu nada, beber dos caudais dos teus mananciais na concavidade coeterna e trinitária da tua infinita perfeição, para embriagar-me no néctar riquíssimo da tua divindade; e introduzida por Ti na câmara secreta do teu inesgotável ser, aperceber o concerto inefável em teclares de inéditas melodias, que, em infinitude de atributos e perfeições, Tu *te és*, ó meu Deus trinitário!, na rompente da tua mesma divindade; na profundidade profunda de Tu *ser-te* o Ser, o único Ser que, em subsistência infinita e eterna, irrompes em jubilosas harmonias fluentes de divindade, como cataratas e cataratas de infinitude de perfeições em infinitude por infinitudes de atributos que são uma só, inesgotável, simplicíssima e plena perfeição.

A qual Tu *te és*, ó meu Deus infinito!, por Ti mesmo e em Ti mesmo num ato de subsistência eterna, sido e possuído no instante consubstancial e coeterno de Tu *ser-te* aquele que *te és*, sem princípio nem fim, em Ti, por Ti e para Ti, ó infinito Ser!; que, saturando minha alma na suavidade sapiencial da tua transcendente e eterna sabedoria, me fazes penetrar no teu mesmo pensamento; para que, assim, eu o possa soletrar do modo que me seja possível, embriagada e como saturada pelo saboreamento do néctar riquíssimo da tua divindade; e viva, bebendo, naquele ponto-ponto do teu gerar divino, da fluente sabedoria amorosa que Tu *te és* num saboreamento tão profundo, tão inédito, tão sagrado e de tanta excelência, que, envolto e coberto pela virgindade transcendente da tua santidade eterna, te faz ser o Ser!, o Ser de sapiencial Sabedoria em Explicação canora de Amor eterno!

Ó fecundidade inexaurível do Pai subsistente por si mesmo, em si mesmo e para si! Ó Pai, que, rompendo em paternidade pela plenitude infinita da tua inesgotável perfeição, *te és* numa fecundidade tão plena e exuberante de ser, que te faz romper gerando naquele ponto-ponto, misterioso e oculto, silencioso e velado, onde *te és* a Paternidade fecunda e infinita de inexaurível perfeição, gerando o eterno *Oriens*, o que

sempre tens gerado e estás gerando como fruto da tua fecundidade;

Emanação da tua mesma sabedoria em expressão melódica de infinitos cantares, tão perfeita e consubstancialmente, que o Filho gerado, que tens em teu seio sempre gerado e sempre gerando-o, sai sem sair, brota sem brotar, como fruto da tua sabedoria amorosa, no ponto-ponto do teu gerar divino, irrompendo em Luz de cintilante e refulgente sabedoria amorosa, dando à luz a Luz da tua mesma sabedoria, ao teu unigênito Filho, Figura da sua substância e Imagem da tua mesma perfeição em explicação canora de infinitas perfeições, Palavra eterna de melódicos cantares em expressão soletrada e explicativa de quanto Tu és. «Ela é um eflúvio do poder de Deus, uma emanção puríssima da glória do Onipotente... Pois Ela é um reflexo da luz eterna, um espelho nítido da atividade de Deus e uma imagem de sua bondade»<sup>1</sup>.

Meu Verbo...! Luz de Luz...! Claridade de Claridade...! Resplendor do Sol divino...! «Expressão de sua substância...»<sup>2</sup>, «consubstancial ao Pai»<sup>3</sup>; que, em retorno amoroso-filial, expressas, sendo a Palavra substancial da sua inesgotável perfeição, num júbilo de amor tão sublime e tão gozoso de resposta explicativa e

<sup>1</sup> Sb 7, 25-26.

<sup>2</sup> Hb 1, 3.

<sup>3</sup> Creio.

amorosa ao Pai, tudo quanto Ele *se é* na profundidade profunda da concavidade da sua subsistência infinita e que o faz romper em fecundidade divina «entre santos esplendores, gerando-te»<sup>4</sup>.

Ao qual Tu, ó Verbo meu!, respondes em doação de entrega em teu cântico de infinitas melodias em resposta amorosa e delirante de amor; num amor tão perfeito, tanto, tanto!, que, como fruto da fecundidade do Pai amando seu Filho em paternidade amorosa, e da expressão do Verbo em filiação de retorno de amorosa canção ao Pai; surge radiante, da espiração amorosa do Pai ao Filho e do Filho em filiação amorosa e infinita ao Pai, um Amor tão perfeito, tanto, tanto!, que é tudo o que é o Pai em seu *ser-se* Pai de fluente fecundidade, pelo seu ser, e tudo o que é o Filho, pelo ser recebido do Pai, em filiação de amor de retorno em soletração amorosa de infinitos e eternos cantares. «O Espírito da verdade me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará. Tudo o que tem o Pai é meu. Por isso vos disse: Ele receberá do que é meu e vo-lo anunciará»<sup>5</sup>.

E o amor com que se amam é tão perfeito, que é todo o ser que o Pai, num ato de fecundidade geradora e amorosa, dá ao Filho; e que o Filho retorna ao Pai no mesmo instante-

<sup>4</sup> Cf. Sl 103, 9.      <sup>5</sup> Jo 16, 14-15.

instante, sacrossanto, secreto e sagrado, do gerar divino; num abraço paterno-filial tão infinito, coeterno e amoroso, que faz surgir em fluentes cataratas de divindade o Espírito Santo, Beijo amoroso do amor paterno-filial do Pai e do Filho, em Pessoa Amor de júbilo eterno, consubstancial e infinito.

Num romance de amor de inéditas melodias, e pelo poderio infinito e subsistente do Pai, sido por si mesmo, e do Filho que o tem em si mesmo e para si mesmo em retorno amoroso, recebido do Pai, surge o Espírito Santo, Abraço coeterno de amor infinito do Pai e do Filho; que, por exigência da perfeição da sua mesma divindade, é outra Pessoa: descanso amoroso da paternidade e filiação, do amor com que se amam o Pai e o Filho na sua paternidade gerando e sua filiação de retorno explicativo.

E num júbilo de sabedoria amorosa, Deus, por exigência da sua mesma perfeição, rompe em três Pessoas de Família trinitária, em Sabedoria de Explicação canora de Amor eterno.

Sendo Deus tão perfeito e acabado em seu gerar divino, como o Unigênito do Pai em seu expressar; num amor de doação de retorno paterno-filial de tanta fruição em descanso infinito e coeterno, que faz que o Beijo que se dão seja tão perfeito e acabado, tão infinito, glorioso e eterno, tão ser!, tão ser pelo ser que recebeu do Pai e do Filho!, como o Pai *se é* Pai

e o Filho é Filho; num gozo gloriosíssimo e ditosíssimo de intercomunicação trinitária.

*Sendo-se* Deus um só ser, sido pelo Pai em rompentes de fecundidade eterna e infinita de luminosa sabedoria; expressado pelo Verbo em jubiloso Canto de inéditas melodias; e amado pelo Espírito Santo, Amor personificado, fruto amoroso do Pai e do Filho em Beijo de amor paterno-filial.

Ó paternidade fecunda de filiação expressiva!, que faz romper o Pai e o Filho num Beijo de amor tão perfeito, que o amor com que se amam é outra Pessoa, o Espírito Santo; tão ser perfeito, tanto e de tanta fruição de retorno e acabada!, tão ser!, como o Pai e o Filho; Beijo em descanso amoroso dos Dois num abraço coeterno de divindade em Família gloriosíssima de vida divina e trinitária.

Que feliz é Deus na plenitude exuberante e plena da sua perfeição, sida e possuída pelo Pai, expressada pelo Filho; em tal exuberância de amor paterno-filial, saturada e plena de divindade, que o amor com que se amam em paternidade e filiação amorosa, é tão perfeito, tanto, tanto, tanto! que é todo o ser do Pai e do Filho em Pessoa amor; Beijo descansado que faz que Deus seja tão perfeito em seu ser como em suas relações, rompendo em Família divina e coeterna num ato imutável de infinita perfeição!

Ó que feliz é Deus na Sabedoria Explicativa e Amorosa do seu subsistente ser! Que feliz é Deus!, que tem em si, por si e para si, tudo quanto pode ser em infinitude de ser, numa só perfeição, tão perfeita e acabada, que cada uma das divinas Pessoas é e tem o ser em seu modo pessoal:

O Pai, por si mesmo; o Filho, recebido do Pai, num estouro de júbilo eterno de explicação canora; e o Espírito Santo, como fruto da sabedoria amorosa do Pai e do Filho em Beijo de amor.

Ó que feliz é Deus! naquele ponto-ponto do seu gerar divino, envolvido e coberto pelo manto da sua infinita, coeterna e transcendente virgindade; na ocultação velada da sua santidade eterna, na Câmara nupcial onde a ninguém é dado entrar sem ser convidado e introduzido pelo braço amoroso da mesma Divindade, e sustentado pela força da sua onipotência; para que, num romance de amor de inéditas melodias, possa penetrar, com os resplendores da luz do Sol eterno, no gerar divino; e descobrir, na fecundidade fluente das suas eternas cataratas, o Verbo surgindo em Palavra de inéditas canções que, em soletração amorosa, dizem ao Pai, em Dito eterno de retorno filial, tudo o que é e o modo de *ser-se-o* e o porquê de *ser-se-o*, e como está *sendo-se-o* no instante-instante sublime e sagrado de estar-se sendo em si, por si

mesmo e para si, Aquele que É eternamente em fecundidade geradora de paternidade divina.

Ó que feliz é Deus na fruição plena da sua perfeição em rompente de infinita Sabedoria de Explicação canora de Amor eterno!

Que feliz é Deus, que *sendo-se* Aquele que *se É* na união perfeita, plena e acabada da sua mesma divindade, é um só ser em três Pessoas, que cada uma *tem-se-o* em seu modo pessoal e nas outras e para as outras divinas Pessoas, para sua glória e *contento* em intercomunicação trinitária de vida divina; e que, por sua infinita perfeição, faz que Deus seja tão perfeito e acabado em sua Trindade de Pessoas como na unidade plena e exuberante do seu ser; que cada uma *tem-se-o* em si para seu desfrute eterno e ditosíssimo e nas outras divinas Pessoas; sendo Deus tão infinitamente uno em seu ser como infinitamente distinto no modo pessoal de sê-lo cada uma das Pessoas, em descanso amoroso de Sabedoria Explicativa em Beijo de amor.

Que feliz é Deus...!, e que feliz sou eu de que meu Deus seja tão feliz no recôndito profundo do seu gerar divino envolvido e coberto pela santidade intocável da sua inexaurível e infinita divindade!

E que meu espírito, ultrapassado e convidado pela potência poderosa do infinito Poderio,

penetrou e saboreou numa antecipação de eternidade; que me faz, transbordante de amor, delirante de alegria e embriagada no néctar riquíssimo desta mesma Divindade, contemplar com o Pai, por participação, a sua infinita perfeição, segundo a sua complacência divina queira-me outorgar; cantá-lo com o Verbo e beijá-lo no arrulho melodioso do amor do Espírito Santo.

Para que, embriagada pelo saboreamento do néctar da sua divindade, viva bebendo dos caudais dos seus infinitos e eternos Mananciais, no gozo ditosíssimo, gloriosíssimo, pleno e divinizante da sua mesma perfeição, rebentando em Família de gozo eterno.

Que feliz é Deus, e que ditoso! que tem em si tudo quando pode ser em seu só ato de ser trinitário! «O Bendito e único Soberano»<sup>6</sup>.

Porque Deus, na exuberância plena da sua infinita perfeição, não necessita do tempo para *estar-se sendo sido* tudo quanto é, num só ato de ser em três Pessoas, para conhecer-se, expressar-se e amar-se como infinita e eternamente se merece.

Ó que feliz é Deus...!, e que feliz é a minha pobrezinha e limitada alma!, iluminada pela mesma sabedoria divina e introduzida pelo seu infinito poderio, cheio de misericórdia e amor, na

---

<sup>6</sup> 1 Tm 6, 15.



sua câmara nupcial; para descobrir, penetrar e vislumbrar, novamente, cheia de gozo espiritual e saboreamento amoroso, no instante sublime, exuberante e pleno de gozo da eternidade, penetrada pela sapiência divina, como Deus não necessita do tempo para *ser-se* em si e por si mesmo um só ato de ser em Família trinitária de gozo infinito, divino e eterno.

Já que *se é*, sido, possuído e dito, num só ato de Sabedoria Expressada em Amor eterno, infinitamente imutável, abarcado, glorioso e coeterno de ser. «Vem participar da alegria do teu Senhor»<sup>7</sup>.

Enquanto que meu espírito, temeroso, reverente, adorante e assustado, ao contemplá-lo desde o desterro, sob a luz da fé, mas iluminado pelos dons do Espírito Santo e fortalecido pela força da graça e do poder do Eterno, numa antecipação de eternidade; e ao penetrá-lo em seu só ato de ser, entendendo como é –no modo e na maneira que só Deus sabe– desde minha pobre sabedoria iluminada pela mesma sabedoria divina; irrompe como num lamento dilacerante, ao tê-lo que proclamar através da limitação das minhas pobres palavras e da abrangência do tempo deste longo peregrinar.

No qual se vai vivendo e expressando sucessivamente o que, em seu sublime ato de

---

<sup>7</sup> Mt 25, 21.

eternidade, Deus *se é* em seu instante de vida em Sapiencial Sabedoria, Expressada em Amor, sida e possuída em intercomunicação trinitária em seu só ato ou instante de ser; e que o mesmo Deus transmite à alma, fazendo-a penetrar em seu imutável e infinito ato de ser, levantando-a para a contemplação instantânea da Eternidade.

Ó que feliz é Deus em seu só ato de ser, sido, possuído e abarcado no gozo ditosíssimo e gloriosíssimo da sua Família Divina em Trindade de Pessoas, sem necessitar do tempo!

E, como poderá a alma, quando transcendida à intimidade do Gozo eterno, desabada de amor, reverente e adorante, iluminada pela Sapiência divina, é introduzida pelo braço onipotente da sua onipotência, no *Sancta Sanctorum* da Família Divina, expressar o que, em uma rajada de luz descobriu no instante-instante sem distância de tempo e lugar, para que o manifeste através da limitação do tempo e da distância deste continuado e limitado peregrinar...?!

Que feliz é Deus!, e que glorioso! E que feliz é a minha pobrezinha e desvalida alma!, que, participando do júbilo de amor que Deus *se é*, trêmula, assustada e delirante de amor, enamorada e embriagada no néctar da Divindade

e penetrada pela infinita sabedoria do Coeterno Ser fluindo em três Pessoas; goza no que Deus *se é* em si, por si e para si, e sem necessitar de nada nem de ninguém para sê-lo. «A alegria de Iahweh é a vossa fortaleza»<sup>8</sup>.

Porque, se Deus, para ser mais ditoso, mais acabado, mais perfeito e mais glorioso, necessitasse de algo fora de si, seria porque à sua inexaurível perfeição, coeterna, infinita e acabada, faltava-lhe algo para ser o Ser subsistente em si mesmo e por si mesmo em infinitude de ser por infinitudes infinitas de atributos e perfeições; que, sido e possuído, tem abarcado em si mesmo e por si mesmo em seu só ato de vida, tudo quanto pode ser em infinitude por infinitudes de ser, e num ato de vida trinitária de perfeição infinitamente abarcada de gozo eterno, em desfrute acabado de infinita e coeterna divindade.

E que contente está minha alma de ter saboreado, desde a pequenez da minha pobreza, algo da excelência do Ser; que sem podê-lo abarcar, só num transunto da sua Divindade, deixou-me saturada na necessidade como insaciável que tenho na medula do espírito; e que me faz suspirar, ofegante, através deste penoso peregrinar cheio de melancolia e repleto de esperança, pelo dia ditosíssimo da Eternidade.

---

<sup>8</sup> Ne 8, 10.

No qual serei introduzida na câmara nupcial do *Sancta Sanctorum* do gerar divino naquele ponto-ponto, no qual o Pai está pronunciando, rompendo em fecundidade geradora, a sua Palavra de infinitas melodias, coberto e envolvido pelo véu suntuoso da sua virgindade transcendente de santidade intocável, no abraço coeterno e imutável do Espírito Santo, Amor pessoal do Pai e do Filho em desfrute ditosíssimo de júbilo eterno.

Ó que feliz é Deus! e que feliz faz a alma!, a qual, por um ato da sua vontade amorosa, introduz nos mesmos fogaréus da Eternidade, para viver por participação a vida que Deus vive: olhando-o com os lumes dos seus cintilantes Olhos, cantando-o com a sua Boca, e beijando-o com o amor infinito do Espírito Santo, descanso amoroso do Pai e do Filho em desfrute ditosíssimo de gozo perfeito.

Que feliz é Deus! e que ditosa sinto-me de que meu Deus seja tão feliz, sem necessitar de nada para sê-lo! E que, por um ato amoroso de vida trinitária rompendo em misericórdia infinita, comprouve-se em fazer-nos semelhantes a Ele, para que podamos participar d'Ele, aqui em fé mediante os dons, frutos e carismas do Espírito Santo que nos são dados por ser Igreja católica, apostólica e romana e desde o seu seio de mãe, e na eternidade em luz de claro dia;

com coração de Pai, canção de Verbo e amor de Espírito Santo.

Alma queridíssima, goza em que Deus seja aquilo que é em si, por si e para si. Procurando fazê-lo num ato de amor puro, o mais perfeitamente que possas, como o farás e viverás na eternidade na participação gozosíssima e coeterna das divinas Pessoas, e na companhia ditosíssima e gloriosa de todos os bem-aventurados e anjos de Deus; que, prostrados em reverente adoração e num êxtase glorioso de eternidade, roubados, subjugados e transbordados pela formosura do rosto do mesmo Deus, resplandecente de divindade, exclamam em seu cântico de glória:

Santo!, Santo!, Santo! Tu só Santo!, Tu só Senhor!, Tu só Altíssimo!, a Ti seja dada toda honra e glória no céu e na terra.

Ó que dita de júbilo eterno, almas queridíssimas, a da eternidade!, onde os bem-aventurados estarão saturados, por participação, da mesma dita e gozo que Deus vive, da plenitude da sua divindade;

sendo seu gozo essencial que Deus seja aquilo que é em si, por si e para si e em todos e cada um dos bem-aventurados; e vivido e possuído por todos na mesma dita desfrutadora e gloriosíssima da Família Divina.

Alma querida, lança-te comigo, impelida pela brisa sagrada e calada, profunda, secreta e ve-

lada do arrulho do Espírito Santo, na busca incansável de Deus; para que cumpras o único fim para o qual fostes criada, e possas repletar todas as exigências das tuas capacidades no gozo ditosíssimo dos bem-aventurados.

Filhos amadíssimos da Santa Mãe Igreja, este romance de amor, vivido e saboreado na intimidade profunda da Família Divina, e participado pela alma, hoje vo-lo expresso só como o Eco diminuto da Santa Mãe Igreja, em repetição de seus cantares, e movida por Deus desde o ano de 1959, quando, durante longos tempos de oração, repletos de sabedoria amorosa, o Senhor imprimia em meu espírito:

«Vai e dize-o...!»; «Isto é para todos...!»

Compreendendo de um modo claro e contundente, sob a luz, a força e o impulso do Espírito Santo, que quanto, de uma ou outra maneira Deus me comunicava para que o manifestasse, não era para que o vivesse só uma classe de almas privilegiadas, mas para que fosse vivido por todos: povo sacerdotal, almas consagradas..., por todos, por todos os filhos de Deus!, de todo povo, raça e nação, em sabedoria amorosa de comunicação íntima e filial com a Família Divina.

Como o mesmo Jesus manifestou no Evangelho ensinando aos seus Apóstolos:

«Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, e a ele viremos e nele estabeleceremos morada»<sup>9</sup>.

E «Vim para que tenham vida e vida em abundância»<sup>10</sup>; e «a vida eterna é esta: que eles te conheçam a Ti, o Deus único e verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo»<sup>11</sup>.

E uma vez mais contestava Jesus diante da petição espontânea de um de seus íntimos: «Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta».

— «Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai»<sup>12</sup>; porque «Eu e o Pai somos um»<sup>13</sup>.

Filhos da Santa Mãe Igreja, Deus criou-nos essencialmente só para que o possuíssemos, introduzindo-nos na participação da sua mesma vida divina, aqui em fé e na eternidade na luz coeterna do infinito Ser. «Verão sua face, e seu nome estará sobre suas fronteiras. Já não haverá noite: ninguém mais precisará da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos»<sup>14</sup>.

Pelo que, impulsada e impelida pela força da sua graça, convido todos a buscar Deus.

---

<sup>9</sup> Jo 14, 23.

<sup>11</sup> Jo 17, 3.

<sup>13</sup> Jo 10, 30.

<sup>10</sup> Jo 10, 10.

<sup>12</sup> Jo 14, 8-9.

<sup>14</sup> Ap 22, 4-5.

Já que, pelo vazio da sua plenitude neste mundo, andamos, no peregrinar do desterro, ansiando a felicidade e plenitude das capacidades das nossas apetências, sem encontrá-la, talvez, porque «eles me abandonaram, a mim que sou fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas»<sup>15</sup>; ao não ter descoberto ainda o caminho luminoso, cheio de santidade e vida, que se dá a nós no seio da Santa Mãe Igreja, repleto e saturado de divindade, por Cristo e através de Maria, com coração de Pai, canção de Verbo e amor de Espírito Santo.

Único fim para o qual fomos criados e que saturará as apetências insaciáveis do nosso coração resseco e vazio que, ainda sem sabê-lo, busca na sua sede insaciável, o rosto de Deus no lodaçal deste mundo que caminha errante sem descobri-lo na plenitude da sua felicidade, para a qual o mesmo Deus nos fez filhos seus e herdeiros da sua glória, pelo mistério da encarnação, vida, morte e ressurreição de Cristo.

Ó se os homens descobrissem Deus!, clamariam por Ele como o cervo sedento brama pelas fontes cristalinas das águas.

Escuta hoje, alma queridíssima, este canto de amor que soletrei para tua alma sob o impul-

---

<sup>15</sup> Jr 2, 13.

so, a luz e a força do Espírito Santo que me  
faz exclamar com meu grito de:

Glória a Deus! Almas para o seu Seio! Só isso!  
O resto não importa!

18-2-1976

## DEUS É TRINDADE

Eu quero o silêncio que envolve o Deus vivo,  
onde, no concerto do seu teclar,  
apercebo vozes de eterno mistério,  
dentro, nas profundezas do seu palpitar;

porque ali se escuta, em falas secretas,  
o Verbo infinito fluindo em Cantar,  
naquele momento velado e envolto  
em que o Pai Eterno é todo gerar.

Instante sublime de inédito anelo,  
onde, em seu *ser-se*, Deus é Trindade;  
Trindade sapiente de amor coeterno,  
que, num só *ser-se* de Divindade,  
é Família em gozo de imensos fulgores,  
dentro, no mistério da sua claridade.

Espírito Santo, Amor do Deus vivo,  
Caridade eterna, divino Beijar...  
beijo eu em tua boca ali, em teu silêncio,  
o Pai sapiente rompendo em Cantar.

E, naquele segredo de vida infinita,  
dentro do meu peito e em meu palpitar,  
também eu apercebo aquele gozo eterno,  
porque em minha *alma-Igreja* Deus pôs seu Lar.

15-1-1983

QUE SUBLIME É ADORAR  
O COETERNO NO SEU SEIO!

Quando tua sapiência inunda  
meu pequeno entendimento,  
toda eu rompo em cantares  
decifrando teus mistérios.

Porque lumes são teus olhos  
de resplendores tão belos,  
que deixam meu ser ferido  
ao contato do teu beijo.

É tão sapiencial tua vida,  
que, em Palavra, surge o Verbo  
pela afluência infinita  
do teu *ser-te* o Imenso!

Tudo quanto podes, és  
em recôndito secreto,  
do modo consubstancial  
que Tu só podes sê-lo;

em um poder que em Ti é *ser-te*  
a Divindade sem tempo,  
sendo *sida* e *sendo-ta*  
sempre e em cada momento,

sem que exista essencialmente,  
em tua eternidade sem tempo,  
no fogaréu infinito  
do teu eterno pensamento,

nada que não sejas Tu,  
porque Tu és o Excelso,  
a Infinitude sem princípio  
e o Coeterno no teu seio.

Tu *te és* o Princípio  
que rompes, de tanto sê-lo,  
em tua Palavra canora,  
num abraço tão bom,

que, em amores acesos,  
o Pai e o Filho eternos  
se beijam divinamente,  
com tanto amor ao fazê-lo,  
que, em rompente de sapiência,  
Deus mesmo em si rompe em Beijo;

num Beijo tão sublime  
e de tanto abarcamento,  
que já o Espírito Santo  
é Pessoa no Mistério  
que rebenta em Trindade  
de sublime entendimento.

Ó eterna Sabedoria...!  
Lume em sóis dos Céus...!

expressa-me tua Palavra  
na profundidade de meu peito,  
para eu romper cantando  
a perfeição que em Ti entendo;

e, deste modo, ao dizer-te  
em minha expressão como posso,  
toda me sinto abrasar  
no vulcão dos teus fogos,  
sem mais querer que adorar-te  
porque *te és* o Semtempo.

Adorar-te é minha postura,  
meu descanso e meu recreio,  
porque essa é a moção  
que em meu espírito abriste  
ao tirar-me os véus  
de teus divinos mistérios;

adorar-te e dar-te glória  
cantando-te com teu Verbo,  
olhando-te com tua Vista  
e beijando-te em teu Beijo;

e sabendo, sem saber,  
nos modos deste solo,  
que em Ti o saber-te é ser  
o Ser que, em seu *ser-se* eterno,  
*se é* sido por si  
em seu virginal segredo.

Em Ti não existe o princípio  
–eu em Ti princípio não vejo!–,  
e Tu és o Princípio  
que nunca começou a sê-lo,  
porque, sido, *te és*,  
sempre e em cada momento,  
a Subsistência infinita  
e o Subsistente perfeito.

Eu não sei como expressar  
quando algo em Ti compreendo  
da realidade divina  
que, em coeterno entendimento,  
*te és*, por *ser-te* o Ser,  
em Família de recreio.

Eu não sei o que me entra  
quando me mostras com véus  
algo de quanto Tu és  
dentro do teu ocultamento...!

E por isso eu me prostro,  
em profundo acatamento  
de adoração reverente,  
e em sublime rendimento  
ao contemplar-te em tua vida  
de coeterno mistério;  
e no Sumo Sacerdote  
que me deste no desterro  
te dou louvor e glória,  
descansando em meus anelos.

Eu te olho com tua Vista  
e te expresso com teu Verbo  
e te beijo com tua Boca,  
abrasando-me nos lumes  
de teus luzentes luzeiros...

E, ao olhar-te e ao olhar-me,  
eu te adoro como posso,  
já que só, ao contemplar-te,  
desejo glorificar-te,  
recreando-me em fazê-lo,  
sumida em adoração  
desde a terra até o céu.

Tu és «aquele que *te és*»  
em teu *ser-te* o Eterno,  
e eu sou tua adoração,  
porque, ao olhar-te, não posso  
mais que cair de joelhos,  
cantando teu ser excelso.

Que sublime é adorar  
o Coeterno em seu seio,  
*sendo-se* sempre sido,  
em seu *ser-se* o Deus bom,  
potencial Sabedoria  
de sublime entendimento,  
em Trindade infinita,  
que eu adoro como posso...!



«Frutos de oración»

299. Deus fala em sua companhia essencial e trinitária, e a Palavra que explica a realidade divina vem aos seus para continuar a sua conversação entre nós durante todos os tempos, e assim colocar-nos no Seio da Trindade fazendo-nos confidentes e participantes na sua comunicação eterna. (4-9-64)

303. Quando aprofundada em teu abismo escutei a tua divina Palavra, vi que toda palavra que não eras Tu afundava-me na tenebrosidade triste da morte; e então suspirei pelo divino Dizer que, no silêncio da oração, minha alma escuta, em seu som de vida eterna. (18-12-60)

305. Afundada no sacro mistério do Silêncio, vi que numa só e silenciosa Palavra estava dita toda a vida divina e humana, e então, impelida pelo amor, decidi não dizer nem pronunciar mais Palavra que esta; e, ó surpresa!, fiz-me tão Palavra, que só sabia cantar a vida de Deus no seio da sua Igreja. (18-12-60)

327. Pela luz amorosa do Espírito Santo, é introduzida a alma no recôndito mistério do infinito Ser, para saber, com gozo perfeito, a ciência saborosíssima que, só no mesmo Espírito Santo, so-

mos capazes de desfrutar, mediante o saboreamento ditosíssimo da sua proximidade. (14-10-74)

331. A vida espiritual é um romance de amor entre Deus e a alma, somente conhecido e sabido por quem se entrega ao Amor infinito, incondicionalmente, e descoberto pelos pequeninos e limpos de coração. (11-3-75)

1.819. Quando buscas o saboreamento da felicidade, a posse do amor e a plenitude das tuas apetências, estás tendo fome de Deus sem sabê-lo; e, por isso, todas as coisas que não são Ele, só conseguem deixar-te na experiência de um mais profundo vazio... (9-12-72)

1.817. Quem aplacará as nossas ânsias de Deus? Só Ele, com a luz cintilante dos seus sóis, rompendo em resplendores de infinita sabedoria! (13-6-75)

8-8-1973

AI, SE EU DISSESSE...!

Minha vida hoje é glória  
que encerra os Céus,  
na melodia sangrenta e profunda  
da voz do Verbo,  
que, em voz infinita  
de infinito acento,  
com a infinitude  
de seu pensamento,  
vai delineando,  
em tênues concertos,  
belos atributos  
de seu ser eterno.

Minha alma hoje é gozo,  
porque encerra Deus  
envolto e coberto  
pela infinitude  
da sua ocultação;  
e nela tudo é doce,  
de silêncio quedo,  
no qual Deus vive  
sua vida em silêncio.

Minha vida é cruzar as fronteiras,  
deixando o silêncio terreno,

para introduzir-me,  
depois que nele fico,  
naquele Silêncio divino e profundo  
do falar do Verbo.

Ai, quando eu consigo cruzar os umbrais,  
e fechar a porta, ficando dentro...!  
Ai, quanto eu perco tudo o que é morte  
de vida em desterro,  
para introduzir-me nas claridades  
do ser do Imenso...!

Ai, quando consigo, atrás dos meus silêncios,  
dentro do «*Sanctorum*»  
que envolve o Excelso,  
beber das fontes  
dos seus refrigerios,  
e calmar minhas brasas,  
e aplacar meus fogos  
com a Água viva  
que inunda os céus...!

Ai, quando eu consigo em dias de festas,  
para meu interior,  
viver um instante  
–tão só um momento–,  
dentro da profundidade do peito infinito  
em vulcão aberto...!  
Toda eu me transformo no colorido  
do fogo candente que Deus tem dentro.

Quando eu consigo,  
depois de um silêncio,  
encontrar Deus,  
tudo o que é terra,  
o que são conceitos,  
o que é criatura  
e o que é terreno  
me estremece a alma,  
me fere no peito,  
me põe sangrando  
pela grande finura  
de quem tenho dentro.

Ai, se eu expressasse o toque de Deus  
vivido muito quedo...!  
Ai, se eu lograsse,  
entre pobres conceitos,  
dizer o que sente  
meu peito em seu centro  
quando passa Deus  
em brisa de Imenso,  
ou em vozes caladas,  
beijando em silêncio,  
ou em meu ranger que impulsa a morrer  
deixando este solo  
para, liberada,  
empreender o vôo...!

Ai, se eu dissesse a glória que vivo  
quando a Deus encontro...!

19-6-1962

## O AMOR PURO NO CÉU

Que feliz é Deus...! Que Ser tão ditoso...!  
Que alegria tão infinita a do meu Senhor...!  
Todo Ele é *contento*, em tal infinitude, plenitude e fecundidade de ser *contento* e ditoso, que Três *se é*.

Amor, eu necessito viver na eternidade para ser roubada por Ti. A minha bem-aventurança essencial consiste em gloriar-me em que Tu sejas tão feliz, em gozar em que Tu sejas Deus.

Como serás Tu, quando toda esta exigência quase infinita que me abrasa de felicidade, de ser ditosa, de gozar, ficará saturada e excedida na sua necessidade de glorificação, ao ver-te a Ti tão feliz, tão ditoso e tão Ser, de forma que a minha bem-aventurança consistirá, na sua parte essencial, em ser roubada pela tua felicidade?

Amor, és tão feliz, tanto..., tanto..., tanto!, que, ao contemplar-te a Ti, eu ficarei eternamente feliz de saber que Tu és tão ditoso.

Que serás Tu, quando, ao contemplar-te a Ti, olvidada de mim, terei a minha glória e o meu

gozo máximo em ver-te tão ditoso, em que Tu *te sejas* como *te és* em tua vida essencial e trinitária...? Como serás e de que maneira, que a alma, ao contemplar-te, terá a sua felicidade máxima, transbordante de alegria e dita, olvidada de si, em que Tu sejas feliz...? Que felicidade exalará teu ser e comunicarás da superabundância do *contento* eterno que Tu *te tens*, quando só o saber o ditoso que *te és* Tu, fará a alma, criada para participar do Infinito, ditosa por toda a eternidade!

Amor, necessito dizer o motivo de porque no céu estaremos todos no grau máximo de amor puro segundo a nossa capacidade, e não posso e não sei...!

Ó minha Trindade Una!, eu sei que fui criada para possuir-te; para ser Deus por participação e viver da tua vida; para engolfar-me em Ti; para saborear-te, saber-te, olhar-te... sem nada nem ninguém que me impeça; para ter-te a Ti por sempre e ser toda eu uma trindade em pequeno, imagem da tua Trindade, participando da tua perfeição e sendo alegria da tua alegria.

Mas, há algo em mim que eu sei e que vejo que ultrapassa quase infinitamente todas estas tendências postas por Ti na minha alma, e é a necessidade urgente de gloriar-me em que Tu sejas tão feliz; não tanto no que Tu me dês,

nem em receber minha recompensa, senão em saber eu que terei a alegria eterna e o gozo quase infinito e puríssimo ao ver-te a Ti tão feliz, ao saber que Tu *te és* tão *contento* e ao amar-te pelo que *te és* e não pelo que me dás. Sei que és de tal perfeição e felicidade em Ti mesmo, que ver-te a Ti gozar será a nossa maior alegria; não tanto o gozar nós da tua vida, mas o ver que Tu gozas e da maneira que gozas.

És tão glorioso, tanto, tanto...!, que todas as almas, por egoístas que tenham sido na vida olhando-se a si mesmas e buscando sua felicidade própria, ao contemplar-te a Ti tão ditoso, serão em todo seu ser um grito de alegria que romperá em amor puríssimo; dando-te graças, não tanto de que Tu a tenhas feito tão feliz, mas de que Tu *te sejas* feliz.

Que feliz é Deus!, que irradiação de gozo tão infinita e eterna a de seu ser!, que todos os bem-aventurados, no momento de contemplá-lo, ficarão olvidados de si, em adoração profunda de amor rendido, entoando um Santo eterno de agradecimento glorioso ao Ser que, de tanto ser feliz, *se é* Três.

De tal maneira *se é* Deus feliz que, por *ser-se-o* Ele, todos o seremos, tendo o nosso gozo essencialíssimo e nosso amor puro em gozar de vê-lo tão contente, tão feliz e tão ser. Por isso a alma, no momento de entrar na eternidade, fica, segundo a sua capacidade, feita um ato de

amor puro. Já que a felicidade do Infinito excedeu e ultrapassou tão infinitamente a necessidade que ela tem de ser feliz, que essa mesma felicidade do Infinito, deixando-a olvidada de si, a põe neste ato de amor puro que consiste em gozar e alegrar-se em que Deus seja tão ser, tão ditoso e tão infinito; sendo toda ela um hino de glória que lhe diz: Amor, roubaste-me de tal forma, que a minha alegria maior é saber que Tu és tão feliz, e dar-te graças por isto.

E como conseqüência desta primeira glória essencial e puríssima que a alma tem de gozar em que Deus seja Deus, vem esta outra, ao ver-se ela, nesse mesmo instante, feita Deus por participação, afundando-se com as divinas pupilas na contemplação do Infinito, e rompendo numa participação eterna do Verbo, sendo toda ela Verbo que diz a Deus, segundo a sua capacidade, o que Ele é, e amando a Deus como necessita, por participação no Espírito Santo.

Cheia de *contento*, goza a alma em que ela é Deus por participação, e porque ela proporciona a todos os bem-aventurados o gozo de vê-la tão Deus e tão feliz; tendo como glória essencialíssima a alegria de gozar em Deus, em que Ele é tão feliz e ditoso, e a sua segunda glória, essencial também, em participar de Deus, já que goza, não tanto em que ela participe d'Ele, mas no *contento* accidental de Deus ao dar-se a participar pela sua criatura.

De tal forma faz Deus a alma ser Ele por transformação, que ela é também o gozo de todos os bem-aventurados. E como cada um deles participa assim de Deus e goza assim d'Ele, resulta que, sendo Deus tudo em todos, só há um grito no céu: gozar em Deus, em que Ele *se é* tão feliz em si mesmo, e em que Ele é tão feliz ao fazer ditosos todos os bem-aventurados.

Sendo Deus tudo em todos, e sendo todos Deus por participação, não terá no céu mais que Deus, porque todos nos amaremos uns aos outros e gozaremos uns dos outros, ao ver em cada um Deus e como cada um o ama e está no grau máximo de amor puro, amando-o segundo a sua capacidade.

Já compreendo, Amor, porque no céu todos nos amaremos tanto. Porque eu verei ali que todos têm a sua alegria essencial em ver-te a Ti tão ditoso; e, como todos estão nesse grau máximo de amor que consiste em gozar ao ver-te a Ti tão feliz, minha alma será também uma ação de graças a todas as almas porque te amam assim.

Eu te darei graças eternamente de que Tu sejas tão ditoso, e te darei graças eternamente, ó Amor, porque todos os seres que de Ti participem tenham seu maior *contento*, estando no grau máximo segundo a sua capacidade, em dar-te graças de que Tu sejas tão feliz, tão Ser,

tão Deus, tão Uno e tão Três, pois eu não tenho mais *contento* que o de ver-te a Ti tão contente, o de saber-te tão feliz, o de contemplar-te tão eterno.

«E ouvi toda criatura no céu, na terra, sob a terra, no mar, e todos os seres que neles vivem, proclamarem: “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor, a honra, a glória e o domínio pelos séculos dos séculos”. E os quatro Seres vivos diziam: “Amém”; e os anciãos se prostraram e adoraram»<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ap 5, 13-14.

29-1-1973

## OS PORTÕES DOS CÉUS

Quando penso no momento delirante  
em que se abram os portões do teu seio  
e eu entre, após a noite da vida,  
na profundidade misteriosa do teu encontro,  
é tão profunda a alegria  
que em mim sento!,  
que o momento arrepiante da morte  
se converte, no meu interior,  
num gozo transbordante,  
porque sabe que é o passo transcendente  
que me lança, como um raio chamejante,  
ao secreto do teu peito incandescente.

Ó portões dos céus,  
que me rasgais, após a entrada,  
as cortinas suntuosas daquele Templo,  
atrás das quais está o Santo dos Santos  
celebrando seu mistério  
no gozo venturoso  
dos bons...!  
Ó portões luminosos, atrás dos quais  
se apercebem  
as eternas melodias em inéditos concertos,  
e se escuta o rangido, em vulcões acesos  
pelas chamas chamejantes dos seus fogos...!

Ó som palpitante com que exala  
docemente,  
em seu hálito silente, o Eterno,  
a Palavra explicativa  
que Ele expressa no seu mistério...!

Que momento transcendente,  
quando a alma reverente  
se introduza no profundo daquele seio...!  
E contemple, com seu vôo, o Amor  
que os envolve  
com a aurora arrulhadora do abraço  
de seu Beijo...!  
Que mistério tão sublime!  
Que momento!  
quando se abram os portões  
suntuosos daquele Templo,  
e se removam as cortinas,  
e se descubra o Mistério,  
e os Sóis luminosos resplandeçam refulgentes  
daquele peito palpitante do Excelso.  
Que momento o da morte!,  
que rasga com sua noite afligente  
as angústias do desterro,  
e despede depois do grito  
do seu gelo  
as cadeias  
deste corpo,  
para dar passo às almas  
que se lançam,  
como em misterioso vôo,

às portas suntuosas  
e magníficas do céu...

Que momento o da morte!,  
quando o corpo fique hirto,  
quando a alma se remonte velozmente,  
como uma águia triunfante,  
atrás da brisa do seu vôo,  
a cruzar os fundos seios do abismo  
que separam a vida da morte,  
a terra dos céus,  
os homens dos anjos,  
a glória e o desterro,  
num vôo deslumbrante  
para o seio venturoso do Deus bom.

E qual águia imperial, libertada do cadáver,  
voe a alma vitoriosa para os céus  
a saciar as ressecações das ânsias das suas fomes  
nos claros mananciais das águas do Eterno,  
onde brota a borbotões uma torrente cristalina,  
para saciar os sedentos  
que traspassam os umbrais do destino...

Ó portões dos céus!  
com suas cortinas triunfais  
que ocultam, atrás do seu mistério,  
o *Sanctorum* que está velado  
pelas rajadas candentes dos seus fogos,  
e o Imenso que se oculta  
com sua glória atrás do véu...



Ó portões suntuosos!,  
quando corrais as cortinas e  
eu entre após o meu vôo...

Ó portões da glória!,  
abri passo, que já chego.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia